

CONSIDERAÇÕES EM TORNO DE UMA CARTA DE CÍCERO: *AD FAMILIARES*, XIV,7

*António Mateus Vilhena**

A — O contexto

Homem inteligente e de fino gosto, cuja actividade política desde sempre suscitou controvérsia,¹ Cícero exerceu na história da cultura ocidental, graças ao seu talento de polígrafo, uma influência tão vasta, que se torna tarefa impossível determinar-lhe com rigor o verdadeiro alcance.

Não há dúvida de que o Arpinate granjeou celebridade sobretudo como orador e teórico da eloquência, embora seja de grande relevo o seu legado nos domínios da ciência política e da reflexão filosófica; todavia, nunca é de mais frisar que o seu epistolário² conheceu igualmente uma singular projecção, quer pelo estilo vivo e espontâneo, despido de artifícios

* Professor do Ensino Secundário.

1 No Anexo I está reunido um conjunto de pequenos textos teóricos que, documentando desencontrados juízos de valor acerca da carreira política de Cícero, propomos como material de apoio ao professor de Latim no Ensino Secundário (12º Ano).

2 As cartas de Cícero, num total de 864, das quais cerca de 90 lhe foram enviadas por vários correspondentes, subdividem-se em quatro núcleos: *Ad Atticum* (16 livros), de 68 a 44 a.C.; *Ad familiares* (16 livros), de 62 a 43 a.C.; *Ad Quintum fratrem* (3 livros), de 60 a 54 a.C.; *Ad Brutum*, do ano 43 a.C.

retóricos, que o caracteriza, aproximando-o dos *cotidiana uerba* e da sintaxe própria da conversação, quer pelo valioso documento humano e histórico que constitui, tendo como traves mestras indissociáveis o percurso do autor e a conturbada vida pública de Roma na derradeira fase do período republicano.

Um dos temas que, na citada obra epistolográfica, prende sobremaneira a atenção do leitor é o envolvimento de Cícero no conflito pela conquista do poder em que César e Pompeio se enredam especialmente a partir dos finais de 50 a. C., conflito esse que, a brevíssimo trecho, irá degenerar em guerra civil, situação extrema que o orador pretende evitar a todo o custo, por a mesma estar em frontal oposição à sua utópica teoria da *concordia ordinum*.

Alicerçando-se na aliança entre a *nobilitas* senatorial (em fase de erosão) e os *equites*, ampliada com o *consensus bonorum*, ela teria como pólo aglutinador uma personalidade política de créditos firmados, um *princeps* capaz de lhe conferir solidez, mas o naufrágio da legalidade, para o qual César e Pompeio vão contribuindo, cada qual a seu modo, encarrega-se de demonstrar à sociedade que o projecto ciceroniano não passa de uma miragem.

Pelo herói das Gálias nutre o Arpinate escassíssima simpatia e por Pompeio não tem especial predilecção, certo como está de que, mesmo que no fim a vitória venha a sorrir ao segundo, o Senado acabará por ver cerceados o seu brilho e a sua autonomia.

Apesar de tudo, segundo Costa Ramalho, "os dois rivais, com quem [Cícero] mantinha boas relações, esperavam, cada um de seu lado, a adesão do consular, cujo prestígio moral ainda valia alguma coisa".³

Volvidos cerca de dois meses sobre o dia 10 de Janeiro de 49 a.C. — data em que, infringindo as leis vigentes, atravessa o Rubicão acompanhado das suas tropas —, César esforça-se, numa carta onde manifesta grande gentileza e deferência, por atrair Cícero à sua causa (*Ad Atticum*, IX, 6-a).

A resposta a essa missiva, apesar de cortês, significa, decerto, uma desilusão para o vencedor dos Gauleses, uma vez que nela o remetente deixa bem clara a intenção de se manter neutral no conflito, disponibilizando-se, no entanto, para, de bom grado, funcionar como mediano entre ele e Pompeio, numa tentativa empenhada de alcançar um acordo

3 "Prefácio" a *Cícero*, Tomo I. Biblioteca Integral Verbo, Lisboa-São Paulo, Verbo, 1974, p.30.

de paz que, pondo termo às hostilidades, poupe o Estado e os cidadãos.⁴

Empenhamento vão, todavia. Cada vez mais se torna inviável o entendimento entre os dois militares. O conflito atea-se a tal ponto que, em Abril, César ocupa Roma, apoderando-se do dinheiro que encontra no tesouro público, ao passo que, entretanto, o seu adversário, acompanhado de uma parte significativa dos senadores, fugira para a Grécia, a fim de aí organizar a resistência.

Nestas circunstâncias, assediado por constantes dúvidas e hesitações, humilhado por uma cerrada vigilância a cargo do jovem Marco António, seu futuro algoz, o Arpinate sente, de forma intensa, que permanecer em Itália equivale a hipotecar sem remissão a sua honra, e então, vencido mas não convencido, resolve seguir o partido de Pompeio e embarcar, com o filho, para o Oriente, isto é, de dois males opta por aquele que se lhe afigura menor.

É precisamente no porto tirrénico de Fórmias, já a bordo do navio que o há-de levar à Grécia, que o orador escreve à sua Terência a carta a seguir transcrita, sobre a qual apresentamos algumas reflexões.⁵

B — O texto

TVLLIVS TERENTIAE SVAE S.P.¹

Omnis² molestias et sollicitudines, quibus et te miserrimam habui (id quod mihi molestissimum est), et Tulliolam, quae nobis nostra uita dulcior est, deposui et eieci. Quid causae autem fuerit, postridie intellexi quam a uobis discessi. Χολήν ἄκρατον³ noctu eieci; statim ita sum leuatus, ut mihi deus aliquis⁴ medicinam fecisse uideatur; cui quidem tu deo, quem ad modum⁵ soles, pie et caste satis facies.⁶

Nauem spero nos ualde bonam habere. In eam simulatque conscendi, haec scripsi. Deinde conscribam ad nostros familiares multas epistulas, quibus te et Tulliolam nostram diligentissime commendabo. Cohortarer

4 Um breve mas elucidativo extracto da carta em questão constitui o TEXTO I do ANEXO II.

5 Visto que a compreensão da carta pressupõe, da parte do aluno, familiaridade com várias estruturas gramaticais importantes, aliada a diversos conhecimentos de carácter histórico-cultural, sugere-se que, no Ensino Secundário, a mesma seja estudada no 3º nível de Língua (12º Ano), fase em que já se procede a uma abordagem mais minuciosa dos textos em função dos respectivos contextos, antes de se elaborar uma tradução cuidada.

uos, quo animo fortiores essetis, nisi uos fortiores cognossem⁷ quam quemquam uirum. Et tamen eius⁸ modi spero negotia⁹ esse, ut¹⁰ et uos istic commodissime sperem esse, et me¹¹ aliquando cum similibus nostri rem publicam defensuros.¹²

Tu primum ualetudinem tuam uelim cures; deinde, si tibi uidebitur, uillis iis utere¹³, quae longissime aberunt a militibus. Fundo Arpinati bene poteris uti cum familia urbana¹⁴, si annona¹⁵ carior fuerit. Cicero¹⁶ bellissimus tibi salutem plurimam dicit. Etiam atque etiam uale. D.VII Idus Iun.¹⁷

Cícero, *Ad Familiares*, XIV, 7 (edição Signorelli)⁶

- 1 — *S.P.* é uma abreviatura de "salutem plurimam" (dicit/dat).
- 2 — *Omnis* = "Omnes".
- 3 — Χολήν ἄκρατον — "bílis pura".
- 4 — Referência a Apolo ou a Esculápio, divindades tutelares da medicina.
- 5 — *quem ad modum* = "quemadmodum".
- 6 — O verbo *facio*, associado a *statis*, significa "cumprir uma promessa"; "agradecer"; "dar graças".
- 7 — *cognossem* = "cognouissem".
- 8 — *eius modi* é correlativo de *ut*.
- 9 — *negotia* — "as coisas", "os factos".
- 10 — O sintagma frásico subsequente a *esse* depende de *ut (...)* *sperem*.
- 11 — *me cum similibus nostri* = "me et similes nostri".
- 12 — Subentenda "esse".
- 13 — Trata-se do imperativo presente de "utor".
- 14 — *familia urbana* — "os escravos da cidade" (de Roma)
- 15 — *annona* — "géneros alimentícios".
- 16 — Referência ao filho, seu companheiro de exílio.
- 17 — A esta data latina corresponde o dia 7 de Junho (do ano 49 a.C.)

Uma leitura atenta do texto revela-nos, de imediato, um Cícero deveras empenhado na tranquilidade de espírito e na segurança da esposa e da filha, familiares a quem, por contratempos de saúde não diagnosticados na altura própria, vinha, nos dias anteriores à partida, causando uma séria preocupação (*te miserrimam habui et Tulliolam*).

6 Sempre que foram utilizadas edições da Signorelli, substituiu-se o *x* por *u*.

Logo na frase inicial da carta, tenta o destinador serená-las de modo convincente e, nesse intuito, utiliza, associadas ao sintagma *Omnis molestias et sollicitudines*, duas formas verbais de grande força expressiva (*deposui et eieci*), aptas a transmitirem a ideia de total erradicação dos problemas que eram fonte de inquietação.

A causa dos mesmos está agora o Arpinate em condições de a indicar: uma aguda crise de vesícula, com um ataque biliar cuja violência se depreende da conjugação de *eieci* com a expressão grega Χολήν ἄκρατον.

O uso do grego prende-se com o facto de a medicina ser uma ciência vinda da Grécia e de Cícero conhecer primorosamente esse idioma. Note-se, aliás, que, na Roma daquela época, era tão natural empregar termos técnicos e científicos em língua helénica como lançar hoje mão do inglês em áreas como a informática.

Mas voltemos à carta em análise.

Cícero, com uma indifereçada pontinha de bom humor, sugere o carácter algo miraculoso do seu súbito restabelecimento e encarrega a esposa de, *pie et caste*, agradecer à divindade responsável (Esculápio ou Apolo). É ele o contemplado com a cura milagrosa, mas é à sua consorte que cabe arcar com a devida acção de graças !

Tranquilizadas Terência e Túlia quanto ao termo das referidas *molestias et sollicitudines*, torna-se imperativo insuflar-lhes confiança em relação ao futuro. Assim, depois de afirmar que está a escrever-lhes do próprio navio a bordo do qual acaba de subir, Cícero alude às diligências que tem em mente efectuar, no sentido de garantir à mulher e à filha o apoio dos amigos, enquanto estiver ausente (*te et Tulliolam nostram diligentissime commendabo*). E, para que ambas não possam vir a julgar que as tem na conta de fracas e inermes, ei-lo que, num hábil gesto de bom psicólogo, lhes elogia a varonil fortaleza de ânimo demonstrada no período em que esteve exilado (... *nisi uos fortiores cognossem quam quemquam uirum*).

Simulando não haver, portanto, necessidade de as encorajar (repare-se na apódose *Cohortarer uos*), o orador mais não pretende do que, lembrando-lhes a firmeza evidenciada no passado, incutir-lhes coragem para enfrentar os tempos incertos que se avizinham.

O emprego reiterado de formas do verbo *spero*, no 2º parágrafo da carta, inculca-nos a imagem não de um Cícero verdadeiramente esperançado em dias calmos, mas de alguém que se esforça, a todo o custo, por convencer disso a(s) sua(s) destinatária(s). No entanto, as palavras

acabam por traí-lo: "*Et tamen eius modi spero negotia esse ut sperem*".

O Arpinate surge-nos, afinal, como um homem que se limita a acalentar a esperança de que os factos lhe permitam ter esperanças, por um lado, no bem-estar e na serenidade de Terência e Túlia (*uos istic commo-dissime esse*) e, por outro, na defesa da República, que tenciona emprender, aliando esforços aos dos outros exilados a quem, não obstante conhecidas divergências, se sente irmanado (*...cum similibus nostri rem publicam defensuros*).

Pelos interstícios de uma mensagem aparentemente pacificadora e optimista entrevê-se a insegurança e o receio de quem escreve. Tudo acontece como se o acto de escrita fosse um reflexo da própria "naus" onde ocorre. O barco, em geral interpretado como símbolo de segurança na navegação que é a vida (simbolizando a viagem, por seu turno, a procura da verdade e do progresso espiritual), apenas conota, neste caso, instabilidade e insucesso, por ser o meio de fuga a que, pouco convicto da decisão tomada, Cícero recorre.

Chegado ao último parágrafo da carta, o escritor, embora de maneira implícita, transmite, mais do que anteriormente, as preocupações que o atormentam. Frases como *si tibi uidebitur, uillis iis utere, quae longissime aberunt a militibus* e *Fundo Arpinati bene poteris uti cum familia urbana, si annona carior fuerit* pressupõem que, no seu espírito, perpassam dois hipotéticos cenários muito sombrios: o deambular de Terência (e provavelmente de Túlia), de *uilla* em *uilla*, evitando a proximidade intimidatória dos militares que não perdiam de vista os cidadãos de algum modo conotados com a oposição anticesarista⁷; uma galopante subida de preços em Roma que compelia a *materfamilias* (talvez acompanhada da filha) e os seus escravos da cidade (*familia urbana*) a procurarem meios de sustento na herdade de Arpino, que entre todas o orador elegera como predilecta, por nela se encontrar a casa paterna que fora o seu berço, tão sentidamente evocado nas primeiras páginas do livro II do *De Legibus*.⁸

7 Merece-nos algumas reservas a opinião de Antonio La Penna, segundo a qual "Ciò di cui[Cicerone] si rese meno conto (...) fu il peso crescente degli cserciti personali come forza dissolvente dello stato" (*La Cultura Letteraria a Roma*, Bari, Editori Laterza, 1986, p.58). A referência que, na carta, Cícero faz aos militares e a sua disponibilidade, anteriormente manifestada, para ser medianeiro entre César e Pompeio deixam perceber que tinha clara noção do perigo que a instituição militar, submetida à vontade de um só homem com sonhos de hegemonia, representava para os cidadãos e para o Estado.

8 O Anexo II inclui um extracto do *De Legibus* (Texto II), no qual se documenta a forte ligação afectiva de Cícero à casa paterna de Arpino.

A missiva, em cujo final Cícero não esquece os cumprimentos do filho para Terência, vale essencialmente como "instantâneo" psicológico do *ciuis* que, ao escrevê-la, assume sobretudo a condição de chefe de uma família temporariamente segmentada e relega para um apagado segundo plano o estatuto de político que, sem fervor, intervém numa luta fratricida.

Longe de documentar o entusiasmo de um partidário de Pompeio que vai ao encontro do general para o ajudar a defender da ameaça de César a República romana e o prestígio do Senado, a carta privilegia, num clima de instabilidade gerado pela guerra civil, o estado de espírito de um marido receoso pela sorte da sua esposa e, muito especialmente, de um pai que, apreensivo com a sua *Tulliola*, lhe manifesta, como sempre, o mais profundo afecto e o mais terno amor (... *Tulliolam quae nobis nostra uita dulcior est*).

C — A fortuna do epistolário ciceroniano

Desde a Antiguidade, as cartas de Cícero serviram de modelo a uma copiosa literatura epistolográfica que, apesar de dirigida a amigos íntimos, tinha como meta a publicação.

Votado ao esquecimento, nas bibliotecas dos conventos e mosteiros, durante a maior parte da Idade Média, o epistolário ciceroniano vê de novo a luz do dia em Itália, no século XIV. É Petrarca quem, levando a cabo algumas pesquisas tendentes a recuperar obras literárias do mundo romano, descobre em Verona as *Epistulae ad Atticum, ad Quintum e ad Brutum*⁹. Trata-se de um acontecimento de grande significado, que, por um lado, permite ao poeta um conhecimento mais profundo da personalidade do seu autor latino preferido e uma melhor compreensão de tempos particularmente agitados e cruciais da história romana, mas, por outro, o obriga a reformular o retrato psicológico que, com tonalidades idealizadas, traçara do Arpinate.

O Texto III, por seu turno, é esclarecedor do alto significado religioso que o orador atribua à casa de qualquer cidadão.

9 Por Petrarca foi também redescoberto o *Pro Archia*, obra "que ficou conhecida como a *magna charta* do humanismo" (Maria Helena da Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica*, II vol. *Cultura Romana*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1990, p.131).

Anos mais tarde, cabe a Coluccio Salutati, discípulo de Petrarca e chanceler da *Signoria* florentina, a glória de descobrir as cartas *ad familiares* e o mérito de contribuir, assim, com mais alguns dados, para o conhecimento da vida de Cícero e da sua época, ao mesmo tempo que fornece a si próprio, iniciador do humanismo florentino, e aos seus contemporâneos um instrumento de "grande importância para o culto da Antiguidade entre os primeiros humanistas."¹⁰

A caminhada triunfal das "epistulae" ciceronianas, reiniciada com passo seguro, atinge o seu auge no século XVI, quando são divulgadas por toda a Europa e admiradas pelos cultores das *humaniores litterae*, que, inspirados no exemplo de Petrarca, fazem da epístola em prosa um veículo privilegiado de intercâmbio e difusão de ideias.

Em Lisboa são editados, em 1516 e 1575, os *Epistolarum Selectarum Ciceronis Libri III*, e, no ano de 1591, as *Epistolae Familiares*.

Ao longo dos séculos seguintes, o epistolário de Cícero continuou a despertar vivo interesse, sendo possível, já nesta centúria, encontrar ecos dele, mesmo em escritores cujo perfil ideo-estético não deixaria supor, pelo menos à primeira vista, que tal acontecesse, como confirma o exemplo de Teixeira de Pascoaes.¹¹

10 Italo Mariotti (a cura di), *Storia e testi della letteratura latina. L'Età di Cesare*, Bologna, Zanichelli, 1982, pp.104-105.

11 Numa carta inédita que, em 13 de Setembro de 1926, enviou de Amarante ao seu amigo Raul Brandão, Pascoaes afirma: "A Morte do Palhaço é a aurora tempestuosa, feita de nuvens e relâmpagos, dum alma genial! Pode dizer-se desse livro o que Cícero disse do poema de Lucrécio."

Esta última frase remete directamente para as *Epistulae ad Quintum fratrem*, II,9,3, onde o Arpinate tece, acerca do *De rerum natura*, o seguinte comentário: "Lucreti poemata, ut scribis, ita sunt: multis luminibus ingenii, multae tamen artis" (apud *Storia e testi della letteratura latina. L'Età di Cesare*, cit., p.59).

ANEXO I

TEXTO I

No caso de Cícero, não há dúvida de que ele é o sustentáculo do Estado, o pilar da República. Pertencendo à classe dos cavaleiros, mas muito mais interessado em conservar a aliança com o partido senatorial moderado, combate em duas frentes. Contra qualquer tentativa de reacção oligárquica ou de ditadura com o seu cortejo de proscricções, ele agita o ideal republicano da velha Roma, invoca a liberdade, o direito de todos os nobres ocuparem um lugar no Estado, de todos os cidadãos participarem dos negócios públicos. Mas contra o partido popular, contra a agitação da plebe, mantém-se inexorável: para ele, esses homens representam apenas a turbulência viciosa. (...) [Cícero] tenta reagrupar o partido das "pessoas de bem", uma coligação, de resto heterogénea, que também se define mais moralmente do que politicamente: *optimi, fortissimi, egregii, sapientissimi*, homens de bem, de coração, de escol, de bom conselho; graças a este critério, na aparência puramente moral, ninguém fica excluído, não se recusa nenhuma boa vontade, é a "união sagrada", à volta de uma República que Cícero acha aceitável no seu conjunto. É o partido do "meio termo", conciliador e acolhedor, inimigo de todos os excessos, que são causa das grandes modificações.

Jean Touchard (dirigida por), *História das Ideias Políticas*, I, trad. port., p.104.

TEXTO II

Nonostante i suoi difetti [Cicerone] era un uomo onesto, "che amava molto il suo paese", come diceva Augusto medesimo un giorno di franchezza e di rimorsi. Se talvolta fu troppo esitante e troppo debole, ha sempre finito per difendere ciò che riteneva la causa della giustizia e del diritto, e quando essa è stata sconfitta per sempre, le ha reso l'ultimo servizio che essa potesse esigere dai suoi difensori: l'ha onorata con la propria morte.

Gaston Boissier, *Cicerone e i suoi amici*, trad. italiana, p.123

TEXTO III

Cicéron essaie d`abord de se faire médiateur pour une paix qui, sur les ruines de la République, lui semble préférable à tout.

Alain Michel, "L' Humanisme Cicéronien et la Fin de la République "
in *Rome et Nous*, p.92.

TEXTO IV

Apesar de alguns princípios que as sínteses modernas crêem poder distinguir, há na vida pública dos Romanos muitas ideias que poderíamos dizer momentâneas. Assim se explicam(as) variações dos homens políticos, principalmente de Cícero, que se julgou por vezes justo estigmatizar. Ora, todos aqueles que o próprio Cícero quase aniquilou com as suas invectivas não eram, por completo, os perfeitos criminosos que ele denunciou: os Catilinas, os Cláudios , os Pisões, os Gabínios, os Antónios tiveram os seus admiradores e os seus partidários e Cícero elogiou por vezes os seus méritos, quando o vento soprava a favor de alguns deles.

Raymond Bloch e Jean Cousin, *Roma e o seu Destino*, trad. port., p.146.

TEXTO V

Sem a ingenuidade balofa de um Pompeu, sem o pensamento firme de um César, sem o desvairamento de um Catilina, Cícero (...) venceu Catilina (...) por um acaso da sorte e pela força frequente dos homens vãos numa sociedade também vazia.

Oliveira Martins, *História da República Romana*, II, p.177.

TEXTO VI

Marco Túlio Cícero (...) foi considerado como o maior orador do seu tempo. Pertencia a uma família de cavaleiros dedicada a explorar o cultivo das favas. A história moderna destruiu a sua fama como político e considera-o simplesmente como um reaccionário ambicioso e intrigante.

Léon Bloch, *Lutas Sociais na Roma Antiga*, trad. port., p.205
(nota de rodapé).

TEXTO VII

... sa Correspondance, en étalant à chaque page les travers de son esprit et les vices de son coeur, les lacunes et les tares de sa personnalité, nous explique la banqueroute perpétuelle qui en fut la conséquence et la sanction. On comprend à la lire pourquoi, malgré sa culture extraordinaire, ses dons éblouissants et son immense talent, Cicéron, en politique, n'a éprouvé qu'échecs et mortifications: il n'a possédé aucune des qualités qui font l'homme d'État: il eut tous les défauts qui l'annihilent.

Jérôme Carcopino, *Les Secrets de la Correspondance de Cicéron*, tome premier, p.372.

ANEXO II

TEXTO I

... si qua de Pompeio nostro tuendo et tibi ac rei publicae reconciliando cura te attingit, magis idoneum, quam ego sum, ad eam causam profecto reperies neminem: qui et illi semper et senatui, cum primum potui, pacis auctor fui, nec sumptis armis belli ullam partem attigi.

Cícero, *Ad Atticum*, IX, 11-a,2 (edição Signorelli)

TEXTO II

ATTICUS — Antea mirabar (nihil enim his in locis nisi saxa et montes cogitabam, itaque ut facerem, et orationibus inducebar tuis et uersibus) sed mirabar, ut dixi, te tam ualde hoc loco delectari; nunc contra miror te, quom¹ Roma absis, usquam potius esse.

MARCUS — Ego uero, quom¹ licet pluris² dies abesse, praesertim hoc tempore anni, et amoenitatem et salubritatem hanc sequor, raro autem licet. Sed nimirum me alia quoque causa delectat, quae te non attingit ita.

ATTICUS — Quae tandem ista causa est ?

MARCUS — Quia, si uerum dicimus, haec est mea et huius fratris mei germana patria; hic enim orti stirpe antiquissima sumus, hic sacra, hic

genus, hic maiorum multa uestigia. Quid plura ? hanc uides uillam, ut nunc quidem est, lautius aedificatam patris nostri studio, qui, quom¹ esset infirma ualetudine, hic fere aetatem egit in litteris. Sed hoc ipso loco, quom¹ auos³ uiueret et antiquo more parua esset uilla, (...) me scito esse natum. Quare inest nescio quid et latet in animo ac sensu meo, quo me plus hic locus fortasse delectet (...).

ATTICUS — Ego uero tibi istam iustam causam puto, cur huc libentius uenias atque hunc locum diligas. (...)

MARCUS — Gaudeo igitur me incunabula paene mea tibi ostendisse.

Cícero, *De Legibus*. Liber Secundus, I-II (edição Signorelli)

1. *quom* = "cum". 2. *pluris* = "plures". 3. *auos* = "auus".

TEXTO III

Quid est sanctius, quid omni religione munitius, quam domus uniuscuiusque ciuium? Hic arae sunt, hic foci, hic di penates, hic sacra, religiones, caerimoniae continentur; hoc perfugium est ita sanctum omnibus, ut inde abripi neminem fas sit.

Cícero, *Pro domo sua*, 109 (apud José Guillén, *Vrbs Roma*, I, p.57)

Bibliografia

Dispensamo-nos, por limitações de espaço, de enumerar minuciosamente todos os dados relativos aos habituais *dicionários* (F. Torrinha, A.Gomes Ferreira e F. Gaffiot), *gramáticas* (José Nunes Figueiredo — M. A. Almendra e E. Faria), *histórias da literatura latina* (J.Bayet., R. Pichon, E. Paratore), *manuals de história, cultura e civilização romanas* (Laurand — Lauras, R. Bloch — J. Cousin, P. Grimal, J. Guillén) e *antologias* (*Latini Auctores* e *Initia Latina* 2).

BLOCH, Léon, *Lutas Sociais na Roma Antiga*, tradução portuguesa, 2ª edição, Lisboa, Publicações Europa — América, s.d.

BOISSIER, Gaston, *Cicerone e i suoi amici*. Traduzione e note di Carlo Saggio, Milano, Rizzoli, 1988.

BOSCO, Umberto, *Francesco Petrarca*, Bari, Editori Laterza, 1977.

- CARCOPINO, Jérôme, *Les Secrets de la Correspondance de Cicéron*. Tome I, Paris, L'Artisan du Livre, 1947.
- CHEVALIER, Jean — GHEERBRANT, Alain, *Dizionario dei Simboli*, edizione italiana a cura di Italo Sordi, Milano, Rizzoli,² 1987.
- CICÉRON, *De la République. Des Lois*. Traduction nouvelle avec notices et notes par Charles Appuhn, Paris, Garnier, s.d.
- CICÉRON, *Lettres Familières*, III (Livres XII-XIV). Traduction nouvelle avec préface et notes par Edouard Bailly, Paris, Garnier, s.d.
- CICERONE, M. Tullio, *De Legibus*. Liber secundus. Introduzione e commento di Angelo Ottolini, Milano, Signorelli, 1955.
- CICERONE, M. Tullio, *Lettere scelte*. Introduzione e commento di Antonio Pozzi, Milano, Signorelli, 1970.
- DELLA CORTE, Francesco, "Marco Tullio Cicerone — *Epistulae*" in *Dizionario di Centouno Capolavori della Letteratura Latina* (a cura di Mario Geymonat), Milano, Bompiani, 1967.
- ERNOUT, A. — THOMAS, F., *Syntaxe Latine*, Paris, Klincksieck, ²1964.
- LA PENNA, Antonio, *La Cultura Letteraria a Roma*, Bari, Editori Laterza, 1986.
- MARIOTTI, Italo (a cura di), *Storia e testi della letteratura latina. L'Età di Cesare*, Bologna, Zanichelli, 1982.
- MARTINS, J.V. de Pina, "Ciceronianismo" in *Enciclopédia Luso — Brasileira de Cultura*, vol. 5, Lisboa, Verbo, s.d.
- MCDONALD, A. H., *Roma Republicanana*, tradução portuguesa, Lisboa, Verbo, 1971.
- MICHEL, Alain, "L'Humanisme Cicéronien et la Fin de la République" in *Rome et Nous*, Paris, A. & J. Picard, 1977.
- NICOLET, Claude et MICHEL, Alain, *Cicéron*, Paris, Éditions du Seuil, 1970.
- OLIVEIRA MARTINS, J.P., *História da República Romana*, II, Lisboa, Guimarães Editores, ⁷1987.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha, *Estudos de História da Cultura Clássica*, II vol. *Cultura Romana*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, ²1990.
- PETRARCA, Francesco, *Rime*, a cura di Guido Bezzola con un saggio di Andrea Zanzotto, Milano, Rizzoli, 1976.
- PIMENTEL, Cristina de Sousa, "Outros textos para o ensino do Latim: um Epigrama de Marcial", *Classica* n°18. *Colóquio sobre o Ensino das Línguas Clássicas (Latim e Grego)*, Lisboa, Edições Colibri, Março 1992.

- PONTES, J. M. da Cruz, "CÍCERO (Marco Túlio) — Em Portugal" in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol.5, Lisboa, Verbo, s.d.
- RAMALHO, Américo da Costa. "Prefácio" a *Cícero*, Tomo I. Biblioteca Integral Verbo, Lisboa - São Paulo, Verbo, 1974.
- SABBADINI, Remigio, *Storia del Ciceronianismo e di altre questioni letterarie nell' età della Rinascenza*, Torino, Ermanno Loescher, 1886.
- SAPEGNO, Natalino, *Disegno Storico della Letteratura Italiana*, Firenze, La Nuova Italia, 1982 (6ª reimpressão da 2ª edição, de 1973).
- TOUCHARD, Jean (dirigida por), *História das Ideias Políticas*, I. Tradução e notas de Mário Braga, Lisboa, Publicações Europa-América, 1970.